

LEILA KIYOMURA

**Visual:**  
**quando as**  
**cores**  
**contemplam**  
**a vida**





*Maria Leontina –  
Pintura Sussurro*, de  
Lélia Coelho Frota,  
Paulo Venâncio  
Filho, Ferreira Gullar  
e Waldir Ayala, São  
Paulo, Arauco, 2008,  
272 p.

**LEILA KIYOMURA**  
é jornalista e  
coautora de *Ateliês  
Brasil – Artistas  
Contemporâneos na  
Cidade de São Paulo*  
(Empresa das Artes).

**Detalhe de  
*Natureza Morta*,  
1952**



Reprodução

## Pintura, 1967

Contemplar a arte de Maria Leontina (São Paulo, 1917-84) é sonhar com a vida, compreender o ser, descobrir o mundo. As suas “naturezas-mortas” revelam o cotidiano da casa com o jeito feminino de dispor a jarra, os copos e as frutas sobre a mesa. No autorretrato, a artista acentua

o nariz afinado, as sobrancelhas grossas, os cabelos pretos, destaca o olhar reflexivo, sempre em busca de uma nova paisagem. E nos retratos de Paulo Vanzolini, Marcelo Grassman, Maria Eugenia, Aldo Bonadei entre tantos outros, a atenção, o respeito e o silêncio de uma boa amiga.

O tempo da arte de Maria Leontina tem um ritmo próprio, sem os anseios do Modernismo e os “ilimites” do contemporâneo. É esse jeito singular de pintar que o livro *Maria Leontina – Pintura Sussurro*, lançamento da Arauco Editora, destaca ao apresentar 180 obras de diversas fases. Patrocinada pela construtora Tecnisa, a edição reúne textos dos poetas Ferreira Gullar, Waldir Ayala

e dos críticos e historiadores Lélia Coelho Frota e Paulo Venâncio Filho.

“Fazer um retrato de Maria Leontina é desenhar uma presença, um olhar atento, denso, que sabia voltar-se profundamente para o outro, com o cuidado de jamais avançar a liberdade do seu segredo, da mesma maneira com que suas mãos tocavam as coisas da terra: com a delicadeza do descobrimento e a preocupação da sua integridade”, observa Lélia Coelho Frota. “Como quem segura, apenas para reconhecer, o pássaro que daí a um instante sairá voando, absorto, pelas folhas que envolvem o céu. Essa permanente disposição para abrir-se à palpitação oculta do coração das coisas, com uma paixão intensa e transparente como a poesia de Rilke, de Cecília Meireles, me parece ser uma das marcas de sua pessoa, da sua pintura.”

Lélia explica que é muito difícil redesenhar a artista com palavras. “Receio invadir a sua intimidade ao lembrar-me dela aqui como a figura das *Santanas* de que tanto gostava, e que chegaram a constituir uma fase temática na sua pintura. Para mim, ela sempre folheou, com o seu ar de permanente companheirismo, de aprendiz de tudo, um livro onde eu não sabia estarem escritos nomes tão simples: amor, paciência... Como Guimarães Rosa, ela parece dizer: ‘mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende’”.

## ENTRE ARTISTAS

Maria Leontina Franco da Costa nasceu em São Paulo no dia 22 de julho de 1917. “A aproximação ao ambiente e à pintura modernas ocorre em 1940, no âmbito das artes plásticas paulistanas”, conta Paulo Venâncio Filho. “É filha de uma tradicional família de São Paulo. Desta família biológica, passa a outra artística, quando frequenta o ateliê de Waldemar da Costa. O nome desse artista está ligado aos grupos artísticos atuantes nas décadas de 1930 e 1940.”

Em 1949, Maria Leontina casa-se com o pintor Milton Dacosta. Em 1952, partem



para a França. Ele como *free-lancer* e ela com uma bolsa concedida pelo governo francês. “Ela demonstrou, com ele, que amor e um mesmo trabalho podem ter um único endereço, quando há respeito, admiração, curiosidade, humor, de parte a parte”, observa Lélia. “Como na iconografia das duas figuras que formam a série da *Santana Mestra*, a artista era a um tempo menina e mulher antiga, mãe e filha...”

Maria Leontina ficava atenta ao trabalho dos jovens artistas. Visitava as exposições e incentivava adquirindo os seus trabalhos. “O seu dom para o contato, para a transmissão recíproca de experiência, para o encontro, foi dos mais fortes e impressionantes que já vi”, explica Lélia. “Tanto na criação artística, como na vida, ela praticou em relação a si mesma exigência de uma sinceridade,

Reprodução



**Menino com  
Carneiros, 1951**

**Série Pintura,  
1969**



Reprodução

de um autoconhecimento, que chegavam a expandir-se da sua pessoa pelo silêncio e que tocaram de maneira indelével os que tiveram o privilégio de seu convívio.”

A artista dividiu com Dacosta uma vida com muita arte durante 37 anos. Morreu no Rio de Janeiro, em 6 de julho de 1984, aos 66 anos, vítima de enfarte. “Tivemos por nossa vez que deixá-la partir, ela, a viajante delicada, grande andarilha de Ipanema e do interior de montanhas invisíveis, onde conduzia nas mãos o dom precioso, inexaurível. Aprendemos, desde então, que

a teríamos sempre de volta, como agora, entre nós encontrada.”

## DE VOLTA

Em uma edição primorosa, a obra de Maria Leontina reaparece. Traz o depoimento da artista no X Salão de Arte Contemporânea de Campinas: “No apaixonado jogo da imaginação com a razão, ambas têm que ser dosadas. Há o instante de cada uma. O

parecer instantâneo vale como expressão espontânea. A valorização da imagem plástica irreal tem a sua realidade subjetiva. Todo o nosso ser se comunica com o real, partindo do irreal”.

O real e o irreal compõem a poética de Maria Leontina, deixam as paisagens fluir livremente. “Em certas composições, a incontida linha nasce do impacto mental, no estremecimento mútuo – a forma e a cor que a delimitam – nascem os tons cuidadosamente procurados que completam as íntimas relações entre o fazer e o que resulta”, justificava a artista.

O poeta Waldir Ayala descreve o ateliê de Leontina: “É um pequeno apartamento em Ipanema. Tem um clima mágico de mosteiro. Prateleiras com mil objetos, cada um instigante em si, formando uma população variada de expressões e formas da natureza, de artesanatos e imaginárias. Há uma ordem vestida de espontaneidade. Uma das poucas cadeiras está ocupada por um anjo de madeira, comprado numa feira de antiquários, provavelmente de origem espanhola...”.

É nesse ambiente que Leontina espera o momento de ser surpreendida pela luz. “Ela diz que a imagem está ali esperando o momento de ser colocada na parede, problema de prego”, comenta o poeta. “Mas a gente sente que é muito mais que isso. O anjo é uma entidade, como cada coisa instalada naquele espaço luminoso, prestes a se pronunciar e decidir alguma coisa.”

Ayala descreve a trajetória de Leontina, sob a emoção de suas obras: “Ela representa um momento altamente pessoal dentro da pintura contemporânea brasileira. Sua obra transpassa a tendência crítica das rotulações e, embora tida como exemplo da trilha abstracionista, há sempre em sua pauta lírica uma tênue e incisiva referência a situações formais da visualidade, das quais o abstracionismo é um detalhe de pura distância”.

O poeta compõe um retrato da artista: “Leontina fala pouco. Sua antieloquência é fecunda de reflexão e disciplina. É um ser atento à vida e ao mundo visível, procurando e projetando os toques invisíveis das formas conhecidas e catalogadas”.

O poeta e crítico de arte Ferreira Gullar também acompanhou a delicadeza de Leontina. “É a pintura como tentativa de aprender o significado secreto da vida, oculto pela aparência das coisas. Seu percurso não é muito diferente do que percorreram os seus companheiros de geração”, observa. “A sua primeira fase é figurativa e dura até meados dos anos 50, quando começa a geometrizar as formas, seguindo a tendência para o abstracionismo que marca esse período da arte brasileira. Mas tanto numa fase como noutra ela já define seu caminho próprio.”

Gullar vê a obra de Leontina como uma linguagem que se transforma e se apura. Um simbolismo que não tem nada de literário. Uma pintura na acepção mais exigente do termo. Considera que poucas vezes se conseguiu ir tão longe na captação do quase indizível, raramente se atingiu tal nível de sutileza e transcendência. “Arte tão requintada e silenciosa não poderia ter repercussão sensacional, mas o tímido clarão que ela acendeu brilhará para sempre.”

**Menina, 1949**



Reprodução